

2004/11/15

DENTRO DO CENTCOM

Miguel Freire

CENTCOM é o acrónimo de Central Command . Na estrutura militar norte-americana, é um comando regional dedicado a observar uma parte específica do mundo que inclui o Médio Oriente, a África Oriental e a Ásia Central, englobando um total de 25 países. Está localizado na base aérea de MacDill em Tampa, no estado da Florida. Os comandos regionais têm como função providenciar segurança para as regiões que lhes estão atribuídas, desencorajar hostilidades, equilibrar a presença militar com diplomacia e certificar-se que a ajuda externa vai para onde supostamente deva ir. O CENTCOM foi formado em 1980, depois da queda do Xá do Irão e a ascensão do islamismo radical apoiado por Khomeini.

Não foi o título [1] , mas sim o subtítulo do livro que me chamou à atenção. The unvarnished truth about the wars in Afghanistan and Iraq (a verdade nua e crua acerca das guerras do Afeganistão e Iraque) escrito em co-autoria pelo deputy do CENTCOM, um General de três estrelas do Corpo de Fuzileiros Navais Norte-Americanos era, sem dúvida, muito promissor. Mas confesso que fiquei desiludido. Não se tratava afinal da “verdade nua e crua”, mas sim da verdade oficial – ainda que na forma de um testemunho honesto (acredito eu!) do segundo elemento mais importante da cadeia de comando do CENTCOM.

No primeiro capítulo, “ Welcome to CentCom ”, os autores dão-nos as boas vindas ao CentCom, falando-nos das origens recentes deste Comando Regional e como está organizado de uma forma geral. No entanto existem aspectos interessantes, como por exemplo: saber que o General Tony Zinni (anterior Comandante ao General Tommy Franks) era mais sociável, mas também um decisor mais solitário. Usava o seu Estado-Maior numa base freelancer em que cada departamento lhe submetia a informação, processava-a e tomava sozinho as decisões. Por outro lado, o General Franks, com uma personalidade autocrática, era um líder comunal, pretendendo a análise da informação e decisão tomadas em conjunto com o seu Estado-Maior.

Tudo mudou com o ataque ao USS Cole no porto de Aden, no Líbano, a 12 de Outubro de 2000, passando a haver uma análise mais cuidada das informações, alteração das medidas de protecção da força e das regras de empenhamento específicas para esta área do globo. No entanto, os autores empenham-se numa justificação subjacente para a imprevisibilidade do ataque do 11 de Setembro. Assim, o autor argumenta, justificado pelo carácter frustrantemente generalista das informações recebidas, a incapacidade de prever o “onde” e o “como” de um big hit que o tráfego de mensagens da al-Qaeda deixava transparecer como iminente. Na altura, o CENTCOM assumiu que seria no Médio Oriente.

Nos capítulos seguintes “ September 11 ” e “The war in Afghanistan ”, o autor transporta-nos para toda a azáfama do dia 11 de Setembro e principalmente para a preparação da coligação que viria a ser determinante na condução da Guerra do Afeganistão. O livro chega a ser cativante quando descreve o relacionamento dos americanos com os Senhores da Guerra Afegãos (chegando a ser de um pragmatismo quase assustador), o relacionamento com o Paquistão no meio de uma crise com a Índia e as acções de operações especiais no Afeganistão monitorizadas em tempo real com imagens proporcionadas por satélites e UAV (aeronaves não-tripuladas).

No quarto capítulo, “Building to H-Hour ”, podemos ter uma ideia da preparação para as operações no Iraque e que estas constituíram um horizonte previsível logo após o 11 de Setembro. O autor dá ênfase na construção e manutenção da coligação de países que vinha da Guerra no Afeganistão e que não se pretendia prejudicar com a operação no Iraque. O autor não esconde a opção de usar exercícios militares na região do Médio Oriente como pretexto para transportar tropas e equipamentos para a região. Da concepção da operação é perceptível que a flexibilidade foi uma preocupação determinante ao ponto de poderem atacar primeiro por terra ou pelo ar, ou em simultâneo.

No quinto capítulo podemos ler mais uma descrição da operação Iraqui Freedom . De relevo fica a forma problemática de lidar com os média, principalmente com os comentadores militares. Nesta matéria o autor sai sempre em defesa da sua cadeia de comando, criticando os armchair generals na reserva que se foram lançando no negócio dos comentários da guerra. Lidar com o impacto que estes comentários tinham na opinião pública, levou o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas a pedir aos Chefes dos ramos que pedissem aos generais na reserva para serem mais responsáveis nos comentários (deduz-se que alguns deles estariam a comentar com base em

conhecimentos classificados).

O sexto e último capítulo, “ Iraq: the Aftermath ”, poderia ser o mais interessante, mas é o mais intrigante. O pós-guerra é visto pelos olhos do Tenente General DeLong já na reforma e ao serviço dum multinacional a trabalhar no Iraque. No entanto, não deixa de se constatar que, preto no branco, ao contrário da guerra planeada de forma detalhada, o pós-guerra seja um imprevisto quase alucinante. Por exemplo, só depois de serem dadas por terminadas as operações de grande envergadura é que o poder político estava a equacionar como se deveria lidar com o partido Ba"ath. Neste capítulo, o autor ainda aborda algumas questões quentes, como os abusos nas prisões, as razões para a situação de insegurança e a questão das armas de destruição maciça, as quais, ainda acredita, puderem vir a ser descobertas.

O livro não deixa de ser interessante, ao permitir uma leitura que sensibiliza para o nível estratégico da potência hegemónica e por isso ficar completamente fora da nossa realidade. No entanto, como se referiu logo no início, o livro deixa muito a desejar e não passa de mais uma perspectiva (muito) oficial de tudo o que se passou. Há um compromisso – decorrente da função do autor – no “como as coisas decorreram”. Existe um outro ponto que também não favorece a obra. Das 212 páginas que o livro engloba, 72 páginas, ou seja, um terço do livro diz respeito a apêndices. À excepção do primeiro, que é a declaração do General Tommy Franks à United States House Of Representatives a 10 de Julho de 2003 sobre a operação Iraqi Freedom , e do segundo, que parece ser uma compilação de slides de powerpoint usados para briefings do CENTCOM, os restantes dois são documentos estratégicos oficiais dos Estados Unidos da América. Por outras palavras um terço da “verdade nua e crua” são documentos oficiais!

[1] INSIDE CENTCOM. THE UNVARNISHED TRUTH ABOUT THE WARS IN AFGHANISTAN AND IRAQ . Lt. General Michael DeLong e Noah Lukeman, Regnery Publishing, Inc., Washington DC , 2004, ISBN 0-89526-020-4, pp 222.